



INTERTEXTUALIDADE E RESIDUALIDADE NO ROMANCE *LAVOURA ARCAICA*

*INTERTEXTUALITY AND RESIDUALITY IN THE NOVEL THE
ANCIENT TILLAGE*

Francisca Yorranna da Silva¹
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Resumo: A intertextualidade se caracteriza por uma relação dialógica que se estabelece entre dois textos ou mais, e se baseia na noção de *texto polifônico* proposta por Bakhtin. A Residualidade se caracteriza por atitudes mentais que remanescem de uma época em outra e/ou de um espaço em outro. Desta forma, nosso trabalho se propõe a esclarecer algumas dúvidas entre o conceito de residualidade e intertextualidade, para em seguida mostrarmos como os dois processos se dão no romance *Lavoura Arcaica*, publicado em 1975, pelo escritor Raduan Nassar. Para tanto, além da leitura do referencial teórico sobre intertextualidade, pautamos nosso trabalho na Teoria da Residualidade, via de análise proposta por Roberto Pontes e que, ao longo dos anos, tem possibilitado a identificação de resíduos de épocas e espaços diferentes na literatura e na cultura. Intertextualidade e residualidade são procedimentos diferentes, uma vez que, esta ocorre no plano da mentalidade e pode ser apontada no texto literário; aquela se restringe ao plano do texto. A intertextualidade pode ocorrer de modo explícito através de citações diretas, paródias, paráfrases ou imitações declaradas; ou de modo implícito por meio de alusões. A residualidade se dá de forma consciente ou inconsciente e diz respeito à mentalidade, isto é, a forma de agir e pensar de um povo, de toda uma cultura. Ao concluirmos o trabalho esperamos demonstrar como os dois processos ocorrem no romance.

¹ yorrannasilva@gmail.com.

Palavras-Chave: Intertextualidade; Residualidade; Lavoura Arcaica.

Abstract: *The intertextuality is characterized by a dialogic relationship established between two or more texts, and is based on notion of polyphonic text proposed by Bakhtin. The residuality is characterized by mental attitudes remaining of a time or space to another. Thus, our work aims to clarify some issues between the concept of residuality and intertextuality, to then show how the two processes take place in the novel Lavoura Arcaica (The Ancient Tillage), published in 1975 by the writer Raduan Nassar. Therefore, in addition of reading the theoretical framework of intertextuality, we based our work in the theory of residuality, analysis pathway proposed by Roberto Pontes and that, over the years, has enabled the identification of waste of different times and spaces in literature and culture. Intertextuality and residuality are different procedures, since this occurs in the mentality's plan and can be pointed in the literary text; that is restricted to text's plan. The intertextuality can occur explicitly through direct quotations, parodies, paraphrases or declared imitations; or implicitly by references. The residuality happens consciously or unconsciously and concerns the mentality, that is, the way of acting and thinking of a people, of a whole culture. In concluding the work we hope to demonstrate how the two processes take place in the novel.*

Key-words: Intertextuality; Residuality; The Ancient Tillage.

INTRODUÇÃO

Entre as décadas de 1960 e 1970, as linguagens predominantes no cenário literário brasileiro são as dos testemunhos, das memórias, das confissões, das reportagens, dos diários e das denúncias, no entanto, Raduan Nassar surge como uma voz dissonante nesse período. Sua primeira obra, *Lavoura Arcaica*, foi publicada em 1975, seguida de *Um Copo de Cólera* (1978), e mais tarde publicaria *Menina a Caminho* (1997), que reunia os contos escritos nos anos 60 e 70. Raduan Nassar iniciou sua carreira literária com um livro que, para ser escrito, demandou o esforço de quem trabalha em uma verdadeira lavoura e nos deixou um conjunto de obras relativamente pequeno, mas de grande representatividade e qualidade estética, garantindo a ele um lugar de destaque no cânone literário brasileiro.

Lavoura Arcaica caracteriza-se por ser fundamentado nos grandes mitos da humanidade e influenciado pela tradição judaico-cristã, o livro é uma releitura e, até mesmo, uma desconstrução dos princípios desses mitos. Essa composição do romance nos permite assinalar a presença de dois processos de escrita sobre os quais nos deteremos mais adiante, são eles: a intertextualidade e a residualidade.

A narrativa conta a história de André, um jovem que foge de casa e quando encontrado por seu irmão mais velho, Pedro, ele conta os verdadeiros motivos da fuga. O discurso de André oscila entre o retorno à infância e o

presente; questiona os princípios pregados pelo pai; revela ao irmão os conflitos que vive, a paixão pela irmã, Ana, o incesto cometido e as marcas dolorosas em que o ato resultou.

O enredo da obra assemelha-se, de modo geral, à Parábola do Filho Pródigo; sendo que, nesta, o filho retorna à casa do pai arrependido, é o filho que “estava morto, e reviveu”, que volta para trazer a alegria à casa do pai; naquela, o retorno de André traz à tona os males encobertos. Se há uma festa para comemorar seu retorno, essa tem um desfecho trágico. A semelhança com os trechos bíblicos se torna mais clara ainda em passagens em que André relembra os discursos do pai, que falavam sempre da família, da paciência e do tempo que “é o maior tesouro de que o homem pode dispor” (NASSAR, 1989, p.53), nos fazendo lembrar o capítulo três de Eclesiastes.

Revestido poeticamente e pautado em um discurso mítico, a narrativa de *Lavoura Arcaica* é um texto atemporal, no qual, os mitos antigos da civilização são contestados e tudo é colocado sob o signo da dúvida, principalmente, a palavra do pai e as questões ligadas ao patriarcado, confrontando o discurso moralizante com o discurso amoroso da mãe. Dentro das estruturas organizadas por esses percursos da narrativa, André se constitui como um personagem que está ali para cumprir seu destino, pois, ele é apenas projeções de um discurso a que ele nunca aderiu, sua existência consiste em Ana, eles são um só, e somente com a morte dela, ele poderia libertar-se e ser ele mesmo.

1 ACERCA DA INTERTEXTUALIDADE

O conceito de intertextualidade parte da ideia de *texto polifônico* lançada por Bakhtin, segundo a qual, todo texto dialoga com outro, fenômeno que se deve ao fato de que cada autor, ao escrever seu texto, insere um conjunto de outras vozes advindas da influência do contexto e de outros textos, constituindo assim a heterogeneidade discursiva, ou seja, a *polifonia*, conceito que desenvolveu em *Problemas da Poética de Dostoiévski*: “O romance polifônico é inteiramente dialógico e a palavra literária não pode ser tomada isoladamente, mas representa a intersecção de superfícies textuais, o diálogo de diversas escrituras, isto é, a do contexto atual e a de contextos anteriores.” (FÁVERO, 1994, p.50).

Ao lançar as bases do dialogismo, Bakhtin proporcionou duas mudanças importantes no tratamento para com o texto literário: a primeira diz respeito ao

modelo romântico que privilegiava a originalidade; a segunda foi que, ao compreendermos que há diferentes vozes em um texto, passamos a relativizar o poder de uma voz condutora da leitura e da interpretação de um texto. Na evolução dos estudos da intertextualidade, vemos que Bakhtin teve seus conceitos divulgados por Júlia Kristeva, da qual, vários outros autores extraíram o clássico conceito: “Todo texto é um mosaico de citações, todo texto é uma retomada de outros textos. Tal apropriação pode-se dar desde a simples vinculação a um gênero, até a retomada explícita de um determinado texto.” (PAULINO, 1995, p.21-22).

Todavia, a intertextualidade tal como a entendemos hoje se diferencia em alguns aspectos do dialogismo proposto por Bakhtin, pois, para o dialogismo, a concepção de texto é bem mais ampla; nessa, até a sociedade pode ser tomada como uma grande rede intertextual, uma vez que essa é produto da ação humana e pode ser considerada como um texto a ser lido. Para a linguística textual, a intertextualidade possui um sentido mais restrito, visto que, nela, o texto é definido como produções verbo-visuais com uma unidade de sentido e com uma função comunicativa, que precisa de uma existência física que o aponte e o delimite.

Se todo texto apresenta vínculos com outros, sejam eles explícitos ou implícitos, logo, encontraremos no texto algumas pistas desses vínculos, as quais serão consideradas marcas intertextuais, dentre elas, destacamos: a paráfrase, a paródia, o pastiche, a epígrafe, a citação, a referência e a alusão.

A paráfrase retoma o processo de construção em seus efeitos de sentido, ou seja, mantém-se fiel ao texto de partida, porém, difere do plágio, visto que este “é a apropriação indevida do texto alheio de forma que o plagiário assume a autoria do texto de outrem.” (CAVALCANTE, 2012, p.149); e aquela deixa explícita a fonte e a intenção de dialogar com outro texto. Ressaltamos que, ao dizermos que a paráfrase mantém-se fiel ao texto de partida queremos dizer que, de modo geral, o sentido do texto continuará o mesmo.

A paródia, ao contrário da paráfrase, rompe com o modelo retomado e altera o sentido final do texto e, normalmente, apresenta um tom irônico e crítico; no entanto, a paródia nem sempre é usada para algo negativo e pode prestar homenagem ao autor do texto retomado. Também é válido destacar que a paródia é uma prática recorrente na literatura moderna, mas sua existência remonta à Antiguidade Clássica.

Já o pastiche mantém elementos da paródia ao mesmo tempo em que se afasta dela e pode ser usado em sentido pejorativo. No processo intertextual,

assume traços de um estilo com tal ênfase que o sentido se torna deslocado, isto é, ao reportar-se a um gênero, o autor do pastiche insiste na norma a ponto de esvaziá-la, levando às últimas consequências a imitação.

A epígrafe se caracteriza como uma escrita introdutória de outra. O texto da epígrafe é um recorte atualizado e modificado pelo novo texto ao qual se agrega, assim como este é modificado por aquele, desta forma, temos que, ao ser retirado de um texto e se unir a outro, o sentido da epígrafe ganhará novo significado, bem como alterará o sentido do texto ao qual se integrou.

A referência é uma associação direta entre dois ou mais textos, que podem vir a enriquecer o sentido de ambos. Essa associação se dá por meio do “processo de remissão a outro texto sem, necessariamente, haver citação de um trecho.” (CAVALCANTE, 2012, p.150).

A alusão é uma leve menção a outro texto ou a um componente seu, ou seja, ainda que um texto não apresente o elemento de outro texto explicitamente, os leitores serão capazes de inferir a relação entre os dois, por isso, será preciso que o leitor faça um maior esforço para recuperar o referente não mencionado.

A retomada explícita de um fragmento de texto no corpo do outro, por sua vez, é caracterizada como citação, que pode ser classificada como direta ou indireta. A Citação é muito utilizada, principalmente, em textos acadêmicos; seu uso requer o conhecimento de algumas normas como, por exemplo, o uso de aspas. Além disso, dependendo do tamanho, ela poderá vir integrada ao corpo do texto ou não, neste caso, não é necessário que a citação fique entre aspas, contudo, ela virá em parágrafo separado e com o recuo maior do que os das demais linhas. A ocorrência de citações sem uso de aspas, na maioria dos casos, só aparece na literatura, na qual, o escritor dispõe da licença poética.

A partir do exposto, afirmamos que, a intertextualidade pode ser delimitada no campo do texto. Para tanto, faz-se necessária a presença de algumas das marcas intertextuais apontadas anteriormente.

1.1 Acerca da Residualidade

A Teoria da Residualidade é uma via de análise proposta por Roberto Pontes que vem possibilitando a identificação de resíduos de épocas e/ou espaços diferentes na literatura e na cultura, isto é, a teoria se propõe a investigar resíduos que permanecem, sejam nas obras literárias, sejam em outros aspectos culturais, de modo que o objeto de estudo da teoria é “aquilo

que remanesce de uma época para outra e tem a força de criar de novo toda uma cultura, toda uma obra.” (PONTES, 2006, p.8). Sendo assim, partimos da ideia que “a *residualidade* se caracteriza por aquilo que resta de um tempo em outro, podendo significar a presença de *atitudes mentais* arraigadas no passado próximo ou distante, e também diz respeito aos *resíduos* indicadores de futuro.” (MARTINS, 2003, p.518).

Intertextualidade e residualidade são procedimentos diferentes, uma vez que esta se dá no plano da mentalidade e pode ser apontada no texto literário; aquela se restringe ao plano do texto. A intertextualidade pode ocorrer de modo explícito através de citações diretas, paródias, paráfrases ou imitações declaradas; ou de modo implícito por meio de alusões. A residualidade se dá de forma consciente ou inconsciente e diz respeito à mentalidade, isto é, a forma de agir e pensar de um povo, de toda uma cultura. Esse conceito de mentalidade é o mesmo proposto pela “*école des Annales*”, e que na época que começou a se difundir ainda não tinha uma definição precisa, mas relacionava-se “a história das “sensibilidades”, dos odores, dos medos, dos sistemas de valor [...]”. (DUBY, 1992, p.69).

A palavra mentalidade difundiu-se no meio acadêmico, denotando aquilo que remanesce de cada sociedade de épocas ou espaços diferentes, uma vez que: “Por trás de todas as diferenças e nuances individuais fica uma espécie de resíduo psicológico estável, composto de julgamentos, conceitos e crenças a que aderem, no fundo, todos os indivíduos de uma mesma sociedade.” (BOUTHOUZ *apud* DUBY, 1992, p.69). Esse resíduo psicológico era o objeto de estudo dos historiadores da *École des Annales*, que se propunham a investigar não apenas os resíduos, mas também como ocorria a evolução destes:

Sobretudo, considerávamos inaceitável qualificar como “estável” esse ou, melhor, esses (fazíamos questão do plural) resíduos. Eles se modificam ao longo das idades e nossa proposta era justamente seguir com atenção essas modificações. (DUBY, 1992, p.69).

A proposta da escola francesa se coaduna com o pensamento dos pesquisadores da Teoria da Residualidade, da qual, acerca da aplicação do conceito de mentalidade, temos as palavras de Pontes:

Então, como é que vamos conhecer a *mentalidade* desses povos, como vamos conhecer a *mentalidade* desses homens, como vamos conhecer a *mentalidade*, que permaneceu por muito tempo nas culturas? Através do que podemos considerar vestígios, *remanescências*, *resíduos* encontráveis nas obras da cultura espiritual e material dos povos. Porque é através da cultura material que chegamos a compor um painel da cultura espiritual dos povos. Cultura espiritual aqui no sentido de conjunto de ideias, conjunto

ideológico de um momento. É este o conceito que fazemos de *mentalidade*. (2006, p.11).

Outro conceito fundamental à teoria e que permite esclarecer como intertextualidade e residualidade se dão em *Lavoura Arcaica*, é o conceito de hibridação cultural que também é definido por Pontes:

Hibridação cultural é a expressão usada para explicar que as culturas não andam cada qual por um caminho, sem contato com as outras. Ou seja, não percorrem veredas que vão numa única direção. São rumos convergentes. São caminhos que se encontram, se fecundam, se multiplicam, proliferam. (2006, p.5-6).

Em Raduan Nassar percebemos a forte hibridação cultural que acarreta a fusão de elementos da cultura árabe com a cultura brasileira e a mistura da tradição judaica, cristã e islâmica; tal fusão está expressa na composição formal e temática da obra que trouxe esses elementos adaptados à realidade brasileira. Esse processo de transformação, de adaptação é denominado pela Teoria da Residualidade como *crystalização*: “a gente apanha aquele remanescente dotado de força viva e constrói uma nova obra com mais força ainda, na temática e na forma. É aí que se dá o processo de *crystalização*.” (PONTES, 2006, p.9); conceito que o teórico foi buscar em James D. Dana ao elaborar o seu *Manual de Mineralogia* e adaptou ao âmbito dos estudos literários. Desse modo, definimos *crystalização* como o processo de transformação de um determinado resíduo.

Diante do exposto, acreditamos estarem esclarecidas as dúvidas acerca dos conceitos de intertextualidade, de *residualidade* e dos seus conceitos operacionais: *resíduo*, *mentalidade*, *hibridação cultural* e *crystalização*; sendo o próximo passo do nosso trabalho apresentar como os dois processos ocorrem no romance em questão.

2 INTERTEXTUALIDADE E RESIDUALIDADE EM LAVOURA ARCAICA

Lavoura Arcaica está envolto por uma linguagem poética apesar de escrito em prosa. O escritor inovou na linguagem e nos recursos empregados, dos quais são exemplos: a ausência de pontuação que confere aos parágrafos e aos capítulos maior densidade; e o *flashback*, pois o personagem está sempre indo e vindo entre presente e passado sem muita exatidão.

Sem deixar de ser contemporâneo por excelência, Raduan Nassar torna-se um escritor atemporal ao reportar-se aos mitos mais antigos da civilização ocidental. É justamente pelo caráter atemporal que a obra apresenta uma forte carga intertextual e residual. Intertextual porque dialoga com outros textos, entre eles, os textos bíblicos; e residual porque identificamos no texto literário resíduos de mentalidades afastadas temporal e espacialmente.

Assim, temos na obra a fusão de elementos da cultura árabe com a cultura brasileira, eivados da mentalidade judaico-cristã, difundida por toda a Idade Média e que se prolongou até os dias de hoje como constatamos no trecho a seguir: “E me lembrei que a gente sempre ouvia nos sermões do pai que os olhos são a candeia do corpo, e que se eles eram bons é porque o corpo tinha luz, e se os olhos não eram limpos é que eles revelavam um corpo tenebroso.” (NASSAR, 1989, p.15). O excerto anterior é uma paráfrase do texto bíblico:

A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz; Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas! (Mt.6.22-23).

Através dessa passagem, além da intertextualidade, notamos os resíduos de uma mentalidade cristã de que a luz representa o Bem e a ausência de luz o Mal: “e foram seus olhos plenos de luz em cima de mim, não tenho dúvida, que me fizeram envenenado” (NASSAR, 1989, p.17). Aqui temos o embate entre luz e trevas, representado pelo olhar cheio de luz de Pedro em oposição ao de André, que sente sua cólera despertar com a presença do irmão.

Seguindo o pensamento cristão, é ainda através dos olhos que entra a concupiscência, isto é, o desejo de pecar: “a primeira vez que vi Sudanesa com meus olhos enfermiços foi num fim de tarde em que eu a trouxe para fora [...]” (NASSAR, 1989, p.20). Nesse fragmento, observamos que o protagonista, ao relembrar da sua adolescência e narrar o ato de zoofilia com uma cabra, descreve seus olhos como “enfermiços” quando a desejou pela primeira vez. O sexo entre seres humanos e animais sempre foi condenado pela tradição judaica: “Nem te deitarás com um animal, para te contaminares com ele” (Lv.18.23); e continuou sendo pelo cristianismo, principalmente, durante o período medieval.

Foi também no decorrer da Idade Média que a loucura esteve associada à possessão demoníaca, por isso, pessoas com problemas mentais ou com epilepsia eram tidas como possesas. Em *Lavoura Arcaica*, é o próprio André que se denomina de epilético:

essa transfiguração que há muito devia ter-se dado em casa “eu sou um epilético” fui explodindo [...] e você grite cada vez mais alto ‘nosso irmão é um epilético, um convulso, um possesso’ [...] e você ouvirá sempre o mesmo som cavernoso e oco ‘traz o demônio no corpo’, ‘traz o demônio no corpo’ e em clamor, e como quem blasfema, levantem os braços, ergam numa só voz aos céus ‘Ele nos abandonou, Ele nos abandonou’”. (NASSAR, 1989, p.41-43).

Esse trecho é muito significativo, pois, podemos fazer uma alusão a duas passagens bíblicas, a primeira é do Endemoninhado de Gadareno ao afirmar que André traz o demônio no corpo; a segunda é ao dizer “Ele nos abandonou”, nos permitindo retomar o momento em que Cristo clama: “Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?” (Mt.27.46).

Há ainda uma relação intertextual entre o capítulo nove do romance e o capítulo três do livro de Eclesiastes, nos quais existe uma exaltação do Tempo, manifestando uma mentalidade judaico-cristã de que este é senhor das coisas e responsável pelo curso da vida, como observamos nos trechos do romance e do texto bíblico, respectivamente:

O tempo sabe ser bom, o tempo é largo, o tempo é grande, o tempo é generoso, o tempo é farto, é sempre abundante em suas entregas: amaina nossas aflições, dilui a tensão dos preocupados, suspende a dor aos torturados, traz luz aos que vivem nas trevas, o ânimo aos indiferentes, o conforto aos que se lamentam, a alegria aos homens tristes, o consolo aos desamparados, o relaxamento aos que se contorcem, a serenidade aos inquietos, a paz aos intranquilos, a umidade às almas secas; satisfaz os apetites moderados, sacia a sede aos sedentos, a fome aos famintos, dá a seiva aos que necessitam dela, é capaz ainda de distrair a todos com seus brinquedos; em tudo ele nos atende, mas as dores da nossa vontade só chegarão ao santo alívio seguindo esta lei inexorável: a obediência absoluta à soberania incontestável do tempo. (NASSAR, 1989, p.58-59).

Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derribar, e tempo de edificar; Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de saltar; Tempo Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora; Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar; Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz. (Ec.3.5-8).

Entre tantos outros textos, é indispensável falarmos da intertextualidade entre o romance e a parábola do Filho Pródigo, que pode ser resumida da seguinte forma: um homem tinha dois filhos, um dia, o filho mais novo pede a seu pai que lhe dê a parte que lhe cabe da herança, após recebê-la, ele parte para

uma terra distante onde gasta seu dinheiro dissolutamente. Longe de casa, sem dinheiro, sem comida e sem moradia, o jovem vai trabalhar apascentando porcos. Certa vez, deseja comer a lavagem dos porcos e não pode, então, tornando em si, resolve voltar para casa e pedir perdão ao pai e que este o aceite como um de seus empregados. O pai perdoa o filho e ordena que os empregados tragam o melhor vestido, um anel, e alparcas; manda ainda que matem um bezerro para que possam comer e se alegrar pelo retorno do filho. Neste momento, o filho mais velho chega e não entende o que está acontecendo, ao saber o motivo da festa, questiona seu pai que o responde dizendo: “Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas; Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se.” (Lc.19.31-32).

Lavoura Arcaica conta a história de André, um jovem que, ao sair de casa, vai viver em uma pensão interiorana, onde é encontrado por Pedro, seu irmão mais velho, este tem a missão de levá-lo de volta. É no quarto da pensão que André revela o motivo de sua fuga:

“Era Ana, era Ana, Pedro, era Ana a minha fome” explodi de repente num momento alto, expelindo num só jato violento meu carnegão maduro e pestilento, “era Ana a minha enfermidade, ela a minha loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu arrepio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos” gritei de boca escancarada [...] (NASSAR, 1989, p.109).

Ao relatar o incesto cometido, André lança o irmão no mesmo abismo em que ele está:

e embora caído numa sanha de possesso vi que meu irmão, assombrado pelo impacto do meu vento, cobria o rosto com as mãos, era impossível adivinhar que ríctus lhe trincava o tijolo requeimado da cara, que faísca de pedra lhe partia quem sabe os olhos, estava claro que ele tateava à procura de um bordão, buscava com certeza a terra sólida e dura, eu podia até escutar seus gemidos gritando por socorro [...] (NASSAR, 1989, p.110-111).

Passado o primeiro impacto, Pedro consegue recompor-se e cumpre com sua missão. André volta para a casa e provoca uma alegria momentânea, todos se empenham nos preparativos para festejar seu regresso. Durante a festa, Ana surge com seu jeito sensual e traz à tona as dores de feridas ainda não cicatrizadas:

Ana (que todos julgavam sempre na capela) surgiu impaciente numa só lufada, os cabelos soltos espalhando lavas, ligeiramente apanhados num dos lados por um coalho de sangue (que assimetria mais provocadora!) [...] ela sabia fazer as coisas, essa minha irmã, esconder primeiro bem escondido sob a língua sua peçonha e logo morder o cacho de uva que pendia em bagos túmidos de saliva enquanto dançava no centro de todos,

fazendo a vida mais turbulenta, tumultuando dores, arrancando gritos de exaltação (NASSAR, 1989, p.188-189).

O discurso de André instaura-se como um discurso questionador, se a representação das personagens femininas se adequa aos valores do patriarcado é porque a sociedade contemporânea apresenta resíduos da mentalidade cristã-medieval, responsável por difundir a dualidade entre os arquétipos da mulher anjo e da *femme fatale*, para a qual a mulher está mais ligada ao pecado e é vista como um empecilho para o homem alcançar a salvação: “A mulher lhe é “fatal”. Impede-o de ser ele mesmo, de realizar sua espiritualidade, de encontrar o caminho de sua salvação.” (DELUMEAU, 2009, p.467).

André ao retornar para a casa levará a família à ruína completa, durante a festa nosso herói cumpre seu destino trágico e assiste calmamente a execução da sentença a que Ana será condenada:

e eu nessa senda oculta mal percebi de início o que se passava, notei confusamente Pedro, sempre taciturno até ali, buscando agora por todos os lados com os olhos alucinados, descrevendo passos cegos entre o povo imantado daquele mercado — a flauta desvairava freneticamente, a serpente desvairava no próprio ventre, e eu de pé vi meu irmão mais treloucado ainda ao descobrir o pai, disparando até ele, agarrando-lhe o braço, puxando-o num arranco, sacudindo-o pelos ombros, vociferando uma sombria revelação, semeando nas suas ouças uma semente insana, era a ferida de tão doída, era o grito, era sua dor que supurava (pobre irmão!) [...] a testa nobre de meu pai, ele próprio ainda úmido de vinho, brilhou um instante à luz morna do sol enquanto o rosto inteiro se cobriu de um branco súbito e tenebroso, e a partir daí todas as rédeas cederam, desencadeando-se o raio numa velocidade fatal: o alfanje estava ao alcance de sua mão, e, fendendo o grupo com a rajada de sua ira, meu pai atingiu com um só golpe a dançarina oriental (que vermelho mais pressuposto, que silêncio mais cavo, que frieza mais torpe nos meus olhos!), não teria a mesma gravidade se uma ovelha se inflamasse, ou se outro membro qualquer do rebanho caísse exasperado, mas era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (pobre pai!) [...] (NASSAR, 1989, p.191-193).

Com esse desfecho, vemos que *Lavoura Arcaica* subverte a ordem da Parábola do Filho Pródigo, reescrevendo-a na forma de um palimpsesto, isto é, aproveitando-se de um texto base e ao mesmo tempo o transformando para escrever um novo texto. Do ponto de vista da residualidade, certificamos que Raduan Nassar se utilizou dos resíduos da tradição judaico-cristã que prega o amor, a paciência e a submissão ao tempo para colocar em dúvida os valores ocidentais que fundaram nossa sociedade.

CONCLUSÃO

As noções lançadas por Bakhtin a respeito do dialogismo foram de fundamental importância para a mudança de como compreender o texto literário, que passou a ser visto dentro de um complexo de redes intertextuais, e não mais isoladamente, questionando o princípio da originalidade, que sabemos intangível. Com a divulgação dos preceitos de Bakhtin, a crítica literária Julia Kristeva deu início ao estudo da intertextualidade, que foi definida como relação entre textos, potencializando o diálogo de textos anteriores e posteriores aos que são produzidos em determinado momento. Ao longo dos anos, a intertextualidade passou a ser objeto de estudo da Linguística Textual e foi adquirindo novos contornos até a delimitação das principais marcas intertextuais.

Sem nos determos a que área pertence o domínio da intertextualidade, constatamos que seus conceitos podem ser aliados aos conceitos da residualidade, favorecendo uma melhor compreensão do texto literário, uma vez que, mesmo que os métodos de análise e os planos em que ocorrem sejam diferentes, há um momento em que ambas se interseccionam, esse momento é quando verificamos a superfície do texto, na qual podemos identificar tanto os intertextos quanto os resíduos presentes.

Assim, ao analisarmos *Lavoura Arcaica*, não é nosso interesse mostrar que um método é melhor do que o outro, mas enriquecer a interpretação da obra literária, demonstrando que, mesmo pertencendo ao cânone da literatura contemporânea, ela pode apresentar elementos de tempos longínquos por meio dos resíduos culturais, temáticos e estéticos, os quais não abordamos na íntegra por não caber no recorte feito neste trabalho.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução por João Ferreira de Almeida. 6ªed. Rio de Janeiro: King's Cross Publicações, 2006.

-
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os Sentidos do Texto*. São Paulo: Contexto, 2012.
- DELUMEAU, J. *História do Medo no Ocidente 1300–1800: uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MARTINS, Elizabeth Dias . O caráter afrobrasílico, residual e medieval no Auto da Compadecida. In: VAZ, Ângela (Org.) IV Encontro Internacional de Estudos Medievais, 2003, Belo Horizonte. *Anais do IV Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2001. p. 517-522.
- NASSAR, R. *Lavoura Arcaica*. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- PAULINO, G. *Intertextualidades: teoria e prática*. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- PONTES, R. Entrevista sobre a Teoria da Residualidade com Roberto Pontes: depoimento [05 de junho, 2006]. Fortaleza (mimeografado). Entrevista concedida a Rubenita Moreira.